

O "DIÁRIO CARIOCA"

4-1-66

Rubem Braga

QUERO dizer a meu amigo Horácio de Carvalho de meu pesar pelo desaparecimento do «Diário Carioca», e também dar parabéns: nunca vi jornal morrer tão bonito, com tanto necrológio carinhoso na imprensa do Rio.

Nunca fui redator do DC, mas durante muito tempo assinei ali uma crônica diária e também escrevi regularmente em seu suplemento dominical. Dois livros meus — «Um Pé de Milho» e «O Homem Rouco» — são feitos quase totalmente de crônicas publicadas no DC. Devo-lhe também a oportunidade de uma grande experiência profissional, a de correspondente de guerra, de que saiu um terceiro livro meu, «Crônicas de Guerra» (Com a FEB na Itália).

Jamais teve um jornal nome tão apropriado, pois seria impossível imaginar o «Diário Carioca» fora do Rio. Era totalmente carioca, de corpo e alma, e essa alma sabia ser gaiata e sabia ser heróica.

Não gosto de pensar em meus defuntos como criaturas perfeitas; prefiro que eles continuem vivos em meu sentimento como eram, com suas doçuras e seus defeitos. Sempre que penso no DC tenho as melhores recordações da turma da redação, penso em Marcial Dias Pequeno, Danton Jobim, Prudente de Moraes Neto, Pompeu de Sousa e em toda uma equipe ímpe, piroqueta, brilhante e amiga. Lembro-me também da alegria de ler, mesmo em tempos turvos, artigos do velho Macedo Soares, que eram aulas de malícia e de estilo. Mas recordo também um gerente — creio que se chamava Teixeira Leite — que realizou esta finura de gerente de tamancaria: à última hora, por economia, deixou-me partir para a guerra sem uma máquina fotográfica. E como profissional com experiência de quase todos os jornais do Rio e São Paulo e mais alguns de Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre, sem falar de revistas, rendo homenagem a um tal Alarico, antigo caixa do DC.

A função é das que, nas pessoas mediocres, tendem a deformar o espírito e o coração; é preciso ter muita alma e muito caráter para ser boa praça e ser policial, fiscal ou caixa de jornal. Isso acontece: conheci criaturas excelentes em todos esses ofícios, e até em ofícios piores. O que era admirável em Alarico era que nele a deformação foi completa, foi perfeita, transformando-o em um monstro impecável, sem a mais leve mancha de dignidade ou de humanidade.

Embora sem procuração de ninguém, estou seguro de interpretar o sentimento de incontáveis redatores e colaboradores do DC ao lembrar aqui essa figurinha perfeita. Enfim, parece que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, inclusive um mundo ameno como o do querido «Diário Carioca»...